

RESSALVA

Atendendo solicitação da
autora, o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 31/07/2022.

ADRIANA MARCON

SÁBATO E SARAMAGO: representações da morte em seus diários e romances

**ASSIS
2020**

ADRIANA MARCON

SÁBATO E SARAMAGO: representações da morte em seus diários e romances

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista, pela discente Adriana Marcon (bolsista CNPQ), para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Sandra A. Ferreira

**ASSIS
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

M321s Marcon, Adriana
Sábato e Saramago: representações da morte em seus
diários e romances / Adriana Marcon. Assis, 2020.
133 f.: il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Sandra Aparecida Ferreira

1. Literatura comparada. 2. Sabato, Ernesto R. - 1911-
2011. 3. Saramago, José – 1922-2010. 4. Ficção. 5. Diários.
6. Morte na literatura. I. Título.

CDD 809



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: SÁBATO E SARAMAGO: representações da morte em seus diários e romances

AUTORA: ADRIANA MARCON

ORIENTADORA: SANDRA APARECIDA FERREIRA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em LETRAS, área:
Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/Assis

Prof. Dr. NEFATALIN GONÇALVES NETO
UFRPE/Serra Talhada

Prof. Dr. MARINA SILVA RUIVO
Departamento de Educação / UNIR/Rolim de Moura

Prof. Dr. ANTONIO ROBERTO ESTEVES
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Prof. Dr. GILBERTO FIGUEIREDO MARTINS
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/Assis

Assis, 31 de julho de 2020

A minha mãe Dirce, meu alicerce.

Agradecimentos

Agradeço à Professora Dra. Sandra A. Ferreira, pela competência e sabedoria com que conduziu este trabalho. Gratidão pela paciência, pelo carinho e, sobretudo, pela confiança.

Aos professores, Dr. Gilberto F. Martins, Dr. Antônio R. Esteves, Dr. Nefatalin Gonçalves Neto e Dra. Marina S. Ruivo pela leitura meticulosa, pelas críticas e sugestões que contribuíram para o êxito desta tese.

Aos meus amigos de Piracicaba e aos amigos que mesmo distantes fisicamente dividiram comigo alegrias e tristezas. Vocês foram essenciais para amenizar a solidão, decorrente das longas horas de reclusão, dedicadas às leituras, pesquisa e escrita.

Aos meus amigos Cleomar Pinheiro Sotta, Clauber Ribeiro Cruz e Gabriela Rocha Rodrigues, interlocutores valorosos com quem eu pude contar sempre que foi preciso.

Ao meu primo Evandro pelo carinho e pela confiança.

Ao Flipper, pela companhia.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pelo apoio financeiro.

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização de pesquisa de campo na cidade de Buenos Aires, Argentina.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, sempre atenciosos.

A todos que direta ou indiretamente colaboraram para que esta tese se tornasse uma realidade. Demonstro o meu reconhecimento e minha gratidão.



Foto extraída do blog de José Saramago. Disponível em:
<<https://caderno.josesaramago.org/48204.html>>. Acesso em: 01 jul.2020.

Vem, morte, quando vieres.
Onde as leis são vis, ou tontas,
não és tu que me amedrontas.
Troquei por penas, prazeres.
Troquei por confiança, afrontas.
Tenho sempre as contas prontas.
Vem, morte, quando quiseres.

Armindo Rodrigues. *Elegia por antecipação à minha morte tranquila.*

MARCON, Adriana. **SÁBATO E SARAMAGO: representações da morte em seus diários e romances**. 2020. 133 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2020.

RESUMO

Esta tese aborda o tratamento dado ao tema da morte pelos escritores Ernesto Sábato e José Saramago. Para o *corpus* da pesquisa foram elencadas obras que apresentam diferentes perspectivas sobre a finitude humana: uma mais íntima, percebida nos diários *España en los diários de mi vejez* (2011) de Sábato e *Os Cadernos de Lanzarote* de Saramago (1993-1998); e outra, mais universal, presente nos romances *Sobre héroes y tumbas* (1961) de Sábato e *As Intermitências da morte* (2005) de Saramago. Com estas escolhas, objetiva-se trazer à tona a morte como contraface primordial da vida, dado que o homem tem se distanciado cada vez mais da ideia de seu fim. Além disso, em razão de Sábato e Saramago serem grandes ensaístas, suas obras, sejam elas autobiográficas ou ficcionais, configuram-se como espaço privilegiado para a veiculação de proposições éticas e estéticas, relevantes para a sociedade e formação humana. Por tratar-se de gêneros literários distintos, o movimento comparativo entre os textos selecionados será construído sobre três pilares: 1. apresentação do aporte teórico-metodológico utilizado sobre configurações da morte no decorrer da História, além da apresentação da fortuna crítica sobre os dois escritores; 2. representações da morte sob o crivo empírico dos Diaristas e, por último, 3. representações ficcionais da morte pelos Romancistas. Portanto, embasada nos pressupostos dos estudos comparativos, esta tese efetua uma leitura temático-formal a partir de questões relacionadas ao comportamento do ser humano diante da morte, a fim de identificar e explicitar as concordâncias e divergências entre a narrativa desses autores, que encontram na palavra escrita uma potente via de permanência, em razão de que, após a morte de ambos, seus textos continuarão sendo lidos e discutidos.

Palavras-chave: Ernesto Sábato; José Saramago; Diários; Romances; Literatura Comparada; Representação da Morte.

MARCON, Adriana. **SÁBATO AND SARAMAGO: representations of death in their diaries and novels**. 2020. 133 p. Thesis (Doctorate in Languages). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2020.

ABSTRACT

This thesis copes with the treatment given to the theme of death by the writers Ernesto Sábato and José Saramago. Regarding the corpus of the research, there were presented literary works that expose different perspectives about human finitude: the first one is more intimate, which is perceived in the diaries *España en los diários de mi vejez* (2011) by Sábato and *Os Cadernos de Lanzarote* (1993-1998) by Saramago; the second one is more universal, that is presented in the novels *Sobre héroes y tumbas* (1961) by Sábato and *As intermitências da morte* (2005) by Saramago. Under these circumstances, the aim is to bring about death as the primordial counterpart of life, given the fact that man has increasingly distanced himself from his end. In addition, both writers are great essayists, their books, either autobiographical or fictional, are in a privileged environment for the transmission of ethical and aesthetic judgments, besides relevant issues for the society and human formation, since they performed hard and assiduously the role of intellectuals, but above all, the role as citizens. Due to the fact that these are different literary genres and, based on the list of possible approximations between the selected texts, the analysis is arranged in three pillars: presentation of the theoretical-methodological approach used, especially the configurations of death throughout history, and also the presentation of critical essays about the two writers; representations of death focused on the Diarists that refer to the empirical world in some way, because it is not a narrator, but a real person who writes, and, finally, representations of death under based on the novelists that assume the fictional narrative voice. Therefore, taking into account the assumptions of comparative studies, this thesis performs a thematic-formal reading based on the questions related to the behavior of man in face of death, in order to identify and explain the concordances, as well as the divergences between the narrative of these authors, who find in the written word a strong way of salvation, of permanence, because even after death, their texts will continue to be read and discussed.

Keywords: Ernesto Sábato; José Saramago; Diaries; Novels; Comparative Literature; Representations of death.

MARCON, Adriana. **SÁBATO Y SARAMAGO: representaciones de la muerte en sus diarios y novelas.** 2020. 133 p. Tesis (Doctorado en Letras). – Universidad Estatal Paulista (UNESP), Facultad de Ciencias y Letras, Assis, 2020.

RESUMEN

Esta tesis aborda el tratamiento dado al tema de la muerte por los escritores Ernesto Sábato y José Saramago. Para el *corpus* de la investigación, se presentaron obras que poseen diferentes perspectivas sobre la finitud humana: una más íntima, percibida en los diarios *España en los diarios de mi vejez* (2011), de Sábato y *Os Cadernos de Lanzarote* (1993 -1998), de Saramago; y otra, más universal, presente en las novelas *Sobre héroes y tumbas* (1961), de Sábato e *As intermitências da morte* (2005) de Saramago. Con esas elecciones, el objetivo es mostrar la muerte como contraparte primordial de la vida, dado que el hombre se ha distanciado cada vez más de su fin. Además, Sábato y Saramago son grandes ensayistas. Sus obras, sean autobiográficas o ficticias, son un espacio privilegiado para la transmisión de juicios éticos y estéticos, además de temas relevantes para la sociedad y la formación humana, ya que ambos realizaron duro y asiduamente el papel de intelectuales, pero sobre todo, el de ciudadanos. Como las obras estudiadas pertenecen a géneros literarios diferentes y, desde la lista de posibles aproximaciones entre ellas, el análisis se organiza en tres pilares: exposición del enfoque teórico y metodológico utilizado, especialmente con respecto a las configuraciones de la muerte a lo largo de la historia, así como la presentación de la fortuna crítica de los dos escritores; representaciones de la muerte bajo los ojos de los diaristas, que se refieren al mundo empírico de alguna manera, porque en ese género no son narradores, sino personas reales que escriben y, finalmente, representaciones de la muerte bajo los ojos de los novelistas, que asumen la voz narrativa ficticia. Por lo tanto, con base en los fundamentos de los estudios comparativos, esta tesis realiza una lectura temática y formal basada en preguntas relacionadas al comportamiento del hombre frente a la muerte, con el fin de identificar y explicar las convergencias, así como las divergencias entre la narrativa de esos autores, que encuentran en la palabra escrita un fuerte camino de salvación, de permanencia, en razón de que, incluso después de la muerte, sus textos continuarán siendo leídos y discutidos.

Palabras-clave: Ernesto Sábato; José Saramago; Diarios; Romances; Literatura Comparativa; Representaciones de la muerte.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais: Ao crepúsculo.....	11
1. Primeiros passos: apresentação do aporte teórico-metodológico	16
1.1 A morte da morte na contemporaneidade	16
1.2 Da ciência à literatura: a obra de Ernesto Sábato	22
1.3 Rumos da ficção: obra de José Saramago.....	27
2. Representações da morte sob a perspectiva dos diaristas	40
2.1 Talvez seja o fim, por Ernesto Sábato.....	43
2.2 Os Cadernos de José Saramago	51
3. As representações da morte sob a perspectiva dos romancistas	69
3.1 A tumba dos heróis: considerações acerca do romance <i>Sobre héroes y tumbas</i>	71
3.2 Dança macabra: as figurações da morte no romance <i>As intermitências da morte</i>	104
Considerações Finais: <i>memento mori</i>	122
Referências	128

Considerações Iniciais: Ao crepúsculo

A metáfora mais bonita que conheço para a velhice é o crepúsculo, o pôr do sol. O crepúsculo é lindo. Faz pensar. No crepúsculo tomamos consciência da rapidez do tempo. As cores rapidamente passam do azul para o verde, para o amarelo, para o abóbora, para o vermelho, para o roxo, para o negro... No crepúsculo sentimos o tempo fluir rapidamente. Por isso muitas pessoas têm medo dele.

Rubem Alves. *Ostra feliz não faz pérola*.

A velhice tem a sua beleza. Tal é a mensagem que Rubem Alves transmite na epígrafe acima. Relacionando metaforicamente a morte com o crepúsculo, traz à tona a passagem do tempo e o encantamento do anoitecer/morrer tranquilo, silencioso e muitas vezes solitário: o silêncio talvez seja a palavra mais significativa sobre a morte, já que, conforme Alves, “a grande tristeza da velhice é a solidão” (2014, p. 252). No entanto, este “anoitecer tranquilo” normalmente não ocorre, dado que o morrer encontra-se no terreno do interdito, quando deveria ser tratado com maior recorrência entre especialistas (caso dos médicos), mas também dentro de casa e até mesmos nas escolas. Como consequência disso, a morte física (mais visível) aterroriza e preocupa o indivíduo contemporâneo por ser um lembrança da transitoriedade e do fim da existência humana.

Esta tese é fruto de inquietações sobre como a literatura aborda a questão da finitude humana. Para tanto foram escolhidas obras de dois grandes intelectuais dos séculos XX e XXI, os escritores Ernesto Sábato (1911 – 2011) e José Saramago (1922 – 2010), com o intuito de apresentar um panorama das representações da morte, tanto em narrativas de cunho íntimo e existencialista, quanto em narrativas de ficção que apresentam uma proposta mais ensaística e filosófica.

As obras elencadas para compor o escopo deste estudo foram: *España en los diarios de mi vejez* (2011) e *Sobre héroes y tumbas* (1961), de Sábato; *Cadernos de Lanzarote* (1993-1998) e *As intermitências da morte* (2005), de Saramago. Como aspecto comum entre estas narrativas, evidencia-se o teor ético, engajado e humanista, os quais mostram a posição existencialista dos autores, possibilitando aos leitores sondar os processos de criação de Sábato e Saramago por meio de questionamentos do texto e da sua dimensão dialética no que respeita à condição do homem.

Além disso, a escolha dos respectivos escritores deveu-se à escassez de trabalhos comparativos entre os diários e os romances selecionados, ressaltando o ineditismo e a relevância deste estudo para a área de Literatura Comparada. Outro fator fundamental foi a afinidade ideológica, política e estética de amigos e de intelectuais que compartilhavam ideias semelhantes, como se nota, nas palavras de Sábato, na ocasião da entrega do título de doutor *honoris causa* pela Universidade Carlos III, na Espanha:

Ao finalizar, saltando as exigências protocolares e tal como Elvira havia convencido José, quase inválido pelo peso da emoção, subi no estrado para apertá-lo num abraço. Mais que abraçá-lo, caí nos seus braços; foi um momento sagrado, eterno na vida. Ficou gravada a nossa irmandade, nosso compromisso comum diante das vicissitudes do mundo, e essa simples alegria de companheiros que tem vivido lutando sempre no mesmo lado ¹(SÁBATO, 2004, p. 31).

Sábato e Saramago são “homens de palavra” comprometidos com a literatura e com a sociedade de seu tempo e instigam seus leitores a refletir sobre a finitude humana – atitude desafiadora, sobretudo por tratar-se de um grande tabu e, exatamente por isso, a reflexão se faz urgente e necessária.

Neste sentido, para atingir o objetivo proposto, este estudo fez uso da literatura comparada como metodologia, principalmente das reflexões de Cláudio Guillén (1985) e Sandra Nitrini (2000). Ambos estudiosos acreditam que nunca se chegará a uma resposta definitiva sobre o que de fato é a literatura comparada; no entanto, ressaltam a importância de não se perder de vista a necessidade de um recorte para qualquer análise. No que cabe ao presente trabalho, os fios condutores da comparação sobre as representações da morte nas obras elencadas estão pautados em questões que envolvem as escritas de si, estratégias narrativas, contexto histórico e realismo maravilhoso.

Guillén (1985, p. 16-17) destaca as possíveis tensões que o comparatista pode enfrentar: tensões entre o local e o universal, o particular e o geral, entre a circunstância e o mundo, entre o presente e o ausente, a experiência e o sentido, o que há e o que deveria haver. Ele observa que a situação em que se encontra o crítico

¹ *Al finalizar, saltando las exigencias protocolares y tal como Elvira lo había convencido José, casi inválido por el peso de la emoción, me subí al estrado para estrecharlo en un abrazo. Más que abrazarlo, caí en sus brazos; fue un momento sagrado, eterno en la vida. Quedó grabada nuestra hermandad, nuestro compromiso común ante los avatares del mundo, y esa alegría simple de camaradas que han vivido luchando siempre en el mismo bando.*

nem sempre é simples e nem cômoda, dado que podem atraí-lo propósitos distintos e muitas vezes opostos. Agregado a isso há que se considerar também o desafio de se trabalhar com a literatura – arte que cria e compõe textos de origens e tipos diversos – gerando uma multiplicidade infinita de hipóteses de leituras, o que torna o diálogo comparativo mais numeroso e sugestivo:

[...] sempre mudando e renascendo o que chamamos de literatura não é uma premissa acabada, facilmente admitida, mas sim uma hipótese de trabalho, carente de verificação e análise, e uma riqueza de conhecimento muito superior ao que temos hoje. Estamos, acima de tudo, diante de um projeto, um desejo, inspirado por um conjunto de problemas [...]. E o grande Fernando Pessoa, com uma inclinação corrosiva, não estava longe da verdade quando escreveu: “Como nunca podemos conhecer todos os elementos de uma questão, nunca podemos resolvê-la” (GUILLÉN, 1985, p. 28).²

Frente à impossibilidade de se conhecer todos os componentes de um texto literário, nunca se poderão “esgotar” todas as possibilidades de análises e de comparações. Porém, os diálogos gerados por tais estudos tornam-se cada vez mais necessários para o entendimento das relações entre literatura e sociedade.

Seguindo esse pensamento, Nitrini (2000, p. 14-17) salienta que todos os estudos de literatura comparada devem em princípio admitir todos os métodos de abordagem, cabendo ao comparatista encontrar os princípios metodológicos de seu estudo, a partir de obras concretas que constituem o objeto da comparação. Acrescenta ainda que a verdadeira dificuldade para a literatura comparada não é a de demonstrar a sua legitimidade, mas a de determinar os seus limites.

Em síntese, as teorias sobre a literatura comparada, criadas em épocas diferentes, com objetivos diferenciados e a partir de contextos específicos, acabam dialogando entre si, de modo que o fluir ziguezagueante de todas elas faz da literatura comparada um objeto de estudo escorregadiço. Por isso, é necessário deixar claro que em um trabalho comparativo sempre haverá aspectos semelhantes e diversos;

² [...] siempre cambiante y renaciente que llamamos la literatura, no es premisa acabada, de fácil admisión, sino más bien una hipótesis de trabajo, menesterosa de comprobación, de análisis, y de un acervo de saberes muy superior al que hoy poseemos. Nos encontramos, más que nada, ante un proyecto, un deseo, inspirado por un conjunto de problemas [...]. Y genial Fernando Pessoa, de inclinación corrosiva, no estaba lejos de la verdad cuando escribía: “como nunca podemos conocer todos os elementos d’uma questão, nunca a podemos resolver”.

podendo até mesmo o crítico comparar dois objetos de análise para no final concluir que eles não têm nada em comum.

Tendo em vista tais considerações e dada diversidade das estruturas narrativas das obras componentes do *corpus* desta tese, as análises foram realizadas separadamente, para que posteriormente fosse feito o confronto.

O primeiro capítulo “Primeiros passos: apresentação do aporte teórico-metodológico” apresenta o essencial sobre a base teórica-metodológica da presente tese e encontra-se dividido da seguinte forma: “A morte da morte da contemporaneidade”, “Da ciência à literatura: a obra de Ernesto Sábato” e “Rumos da ficção: a obra de José Saramago. O segundo e terceiro capítulos trazem as análises do *corpus* deste estudo, apresentando, respectivamente, os comentários sobre os diários e as reflexões sobre os romances.

“Representações da morte sob a perspectiva dos diaristas” encontra-se dividido em “Talvez seja o fim, por Ernesto Sábato” e “Os Cadernos, de José Saramago” e tem por finalidade tratar do gênero diarístico a partir de considerações sobre *España en los diarios de mi vejez* e *Os Cadernos de Lanzarote*.

“Representações da morte sob a perspectiva dos romancistas” traz dois subcapítulos: “A tumba dos heróis: considerações acerca do romance *Sobre héroes y tumbas*” e “Dança macabra: as figurações da morte no romance *As intermitências da morte*”. Nesta parte, que segue a mesma dinâmica do capítulo anterior, expõe-se comentários acerca de obras sabatianas e saramaguianas em que aparecem questões pertinentes à finitude humana para que posteriormente seja feito um levantamento detalhado deste tema nos romances estudados.

Nas “Considerações Finais: *memento mori*” serão feitas as últimas reflexões sobre o assunto proposto, arrematando-se as principais ideias desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

As “Referências bibliográfica” contém todo o material de apoio consultado e referenciado: as obras de Ernesto Sábato, os textos críticos sobre a produção literária sabatiana, as obras de José Saramago, os textos críticos sobre a produção saramaguiana e o aporte teórico geral, com textos sobre romance, análise narrativa, escrita de si, diários, morte, dentre outros.

Por último, ressalta-se que em relação ao diário de Sábato foi utilizada a edição publicada em língua espanhola pela editora Seix Barral. Para os diários de Saramago foram utilizadas as edições publicadas pela Companhia das Letras. Sobre os

romances, foi usada a edição crítica de *Sobre héroes y tumbas* e uma versão da obra em português, como fonte de consulta para a tradução dos trechos analisados³.

Optou-se por utilizar a edição crítica definitiva por se tratar da primeira publicação com documentação genética de *Sobre héroes y tumbas*, que apresenta ao leitor um texto consolidado, refinado a partir de erratas das muitas reimpressões do romance, além de atentar-se à comparação escrupulosa e às correções deliberadas, introduzidas ao longo de trinta anos pelo próprio Sábato. Em relação a *As Intermitências da morte*, utilizou-se, também, edição publicada pela Companhia das Letras, editora responsável pela publicação da obra de Saramago no Brasil.

Deseja-se, assim, demonstrar que a temática da morte encontra na literatura um lugar em que o homem toma consciência de si mesmo e da sua finitude. *España en los diarios de mi vejez* e *Cadernos de Lanzarote* por constituir espaço compartilhador de ideias, frustrações e anseios, exprimem como os diaristas podem inscrever na escrita íntima um legado paralelo ao literário. *Sobre héroes y tumbas* e *As intermitências da morte* mostram um alegórico mundo às avessas, que na verdade representa este mundo tal como ele é. Assim sendo, nossa hipótese considera que, por meio de um projeto de base metafísica e existencial, essas obras equivalem a uma descida ao mistério primordial da condição humana (a morte), e desafiam quem as lê ao encontro com impactantes alegorias das obscuridades que todos os indivíduos padecem.

Isto posto, espera-se que os objetivos desta pesquisa tenham sido alcançados e que contribuam para enriquecer os estudos sobre o percurso literário de Ernesto Sábato e José Saramago, sobretudo acerca das obras analisadas.

³ Todas as traduções da língua espanhola e língua inglesa para a língua portuguesa são de nossa autoria.

Considerações Finais: *memento mori*

[...] a morte é o acorde final dessa sonata que é a vida. Toda sonata tem de terminar.

Rubem Alves. *Ostra feliz não faz pérola*.

Sábato e Saramago por intermédio da literatura alcançaram um distanciamento ilusório do seu próprio fim. O receio de que não haveria no mundo vestígio de suas existências, de seus desejos e ideais os assombrava e os impulsionava a escrever. Seus leitores herdaram textos que, aliados à expressividade, ao sentimento, à lucidez e à ética, se converteram em testamentos de alto valor intelectual.

Ambos tornaram-se escritores profissionais tardiamente, começaram a alcançar o reconhecimento no terreno literário em idade em que tantos outros tinham já uma carreira consolidada. Foram aprimorando suas narrativas e expandindo todas as possibilidades de si e do mundo – conforme exposto nos seus diários.

Na produção de ambos, a vertente ensaística é um elemento imprescindível ao aprimoramento de suas escritas ficcionais, posto que seus textos estão marcados pela sondagem intelectual, manifestada nas críticas relacionadas à observação atenta de si e nas reflexões sobre mundo em que viveram e a partir do qual criaram.

Velhice e morte são temas de recorrência maior no diário de Sábato – mesmo possuindo uma extensão menor, já que traz anotações referentes a dois anos da vida do autor, enquanto os diários de Saramago englobam registros ao longo de seis anos. Talvez isso ocorra porque Sábato escreveu seu diário em idade mais avançada e com maiores limitações físicas, impostas pelo envelhecimento.

O importante é que ambas as obras desempenharam a função de “diários de bordo” (SARAMAGO, 1999, p. 279), responsáveis por guiarem os diaristas no fim da vida. Antes de *España en los diarios de mi vejez*, Sábato escrevia ensaios sobre as ideias que moldaram suas personagens de ficção. Assim o fez, também, Saramago, em seus *Cadernos de Lanzarote*, e posteriormente, acompanhando a adequação do diário ao virtual, criou um *blog* para compartilhar seus registros com o mundo, uma vez que, neste tipo de suporte, o espaço da escrita é infinito.

Felizmente, a partir da década de 1970, o diário deixou de ser considerado um gênero de menor valor. Ele continua sendo praticado por artistas e pessoas comuns,

segundo mostram as crescentes publicações autorreferenciais, assim como o número expressivo de *blogs* e perfis em redes sociais (FERNANDES, 2015, p. 41-42).

Isso revela como escritores nascidos no início do século XX, a exemplo de Saramago, se adequaram à era cibernética do século XXI, em que o sigilo em relação à privacidade foi se tornado cada vez mais opcional, evidenciando um movimento cíclico do gênero diarístico: do confidencial ao público e, novamente, o retorno à discrição, caso o diarista não queira se tornar uma espécie de celebridade midiática seguida por um público leitor.

Considera-se o teor ensaístico como elemento fundamental da escrita de Sábato e Saramago. Embora este último não tenha se dedicado sistematicamente ao gênero propriamente dito, como o fez Sábato, pode-se dizer que Saramago escreveu “ensaaios com personagens” (SARAMAGO, 2018, p. 159), pois cada um de seus textos e romances configura-se como reflexão estética sobre aspectos múltiplos da sociedade, que vão, por exemplo, da miséria dos trabalhadores sem terra do Alentejo, em *Levantado do Chão*, à extinção do trabalho humano digno, em *A caverna*.

Ambos os romancistas criaram enredos marcantes, em que exprimiram preocupações e interrogações sobre a realidade em que viviam. Para eles, o romance não apenas como um gênero literário, mas um lugar único, capaz de acolher e guardar toda a experiência humana.

Assim, a análise da representação da morte nas obras selecionadas para este estudo teve por objetivo alinhar as considerações essenciais dos autores sobre a finitude humana, que instigam seus leitores a refletir sobre o assunto. Cada uma das narrativas em questão aborda o tema dentro de suas particularidades, sendo que alguns pressupostos dialogam entre si e outros não.

Em relação às convergências, a temática da condição humana em *Sobre héroes y tumbas* e em *As intermitências da morte* é apresentada em ambientes distópicos distintos: em *Sobre héroes y tumbas*, apesar da ambientação histórica central na Argentina do período peronista, uma boa parte do enredo acontece em espaços descritos como solitários, obscuros e mesmo grotescos, mas delineados com uma nuance onírica, de quase delírio, conforme observado nos trechos referentes à casa dos Olmos e ao trajeto percorrido por Fernando no *Informe sobre ciegos*. Em *As intermitências da morte*, a narrativa se passa em um país fictício, não nomeado, onde a morte entra em greve e deixa de matar. Esse fato, infactível, justifica a presença

constante da alegoria, de elementos fantasiosos e de alta dose de humor cáustico, que tornam o romance único.

No que concerne à questão temporal, *Sobre héroes y tumbas* apresenta um tempo definido (período peronista) para as ações na diegese, salvo quando há interrupções na narrativa condizentes ao tempo psicológico, observado nos momentos de devaneios de algumas personagens e nas narrações de acontecimentos pretéritos. Por outro lado, em *As intermitências da morte*, o tempo é indefinido, pautado apenas pelos acontecimentos que seguem uma ordem cronológica.

Assim como a categoria temporal, as personagens sabatianas mostram-se mais esculpidas que as personagens saramaguianas. Em *Sobre héroes y tumbas*, elas possuem forte teor existencial, ressaltando a decadência da aristocracia burguesa da época. Em *As intermitências da morte*, as personagens tendem à caricatura, ou seja, na maioria das vezes, representam alegoricamente as instituições a que se vinculam. As maiores exceções são a Morte e o violoncelista, construídos com efetivas particularidades de caráter.

Com base nas considerações feitas no capítulo três, “A morte sob a perspectiva dos romancistas”, – sumariamente retomadas nos parágrafos anteriores – pode-se dizer que, em *Sobre héroes y tumbas*, a presença da morte é tratada de forma ora mais abstrata, porque frequentemente associada à psique e ao discurso das personagens (por exemplo, na obsessão do suicídio percebida em certas falas de Martín e Alejandra), ora de forma mais visceral, como nos episódios de Lavalle e demais cenas de extermínio. Em *As intermitências da morte*, é concretamente representada, dada sua personificação, mas também filosoficamente considerada, nas reflexões do narrador sobre o quanto as instituições ocidentais ligam-se intimamente a ela.

Nota-se, a partir das obras analisadas, que Sábato e Saramago não separaram o ofício de escritor da consciência de cidadão. Aonde um vai, o outro deve ir, ou seja, a literatura produzida por eles nunca esteve em contradição com suas convicções, a ponto de ambos afirmarem que há muito de si em suas obras.

O engajamento com a sociedade de seu tempo fez com que os escritores aqui considerados utilizassem a literatura para tratar da morte – tema polêmico, mas de consideração imprescindível, já que, como nos diz Norbert Elias, “a morte é um problema dos vivos” (ELIAS, 2001, p. 10). Certamente, não é a morte em si que se torna um “problema dos vivos”, mas a ciência da finitude humana, como fonte

geradora de inquietações que não devem ser ignoradas.

Não se pode negar que, nos dias atuais, há um recalçamento da morte no plano social e no plano individual, que se reflete seja na relutância dos adultos a familiarizar as crianças com os fatos do envelhecer e do morrer, seja na falta de consciência dos jovens sobre o próprio processo de envelhecimento, seja nos desejos cada vez mais ostensivos de usar-se a ciência para o prolongamento indefinido da vida humana. Tudo somado revela que o ser humano não encara a morte como uma fato necessário à existência e, por isso, tem se distanciado cada vez mais de tudo o que remeta a ela.

Elias (2001) afirma que o impulso civilizador contribui para a incapacidade das pessoas proporcionarem aos moribundos ajuda e afeição. Esta é uma das adversidades de uma época em que a morte é mais asséptica, sendo empurrada cada vez mais para os bastidores da vida em sociedade.

Paralelo ao esquecimento social, no envelhecimento inicia-se um processo natural de decomposição física, que implica em dificuldades em executar ações cotidianas e no esvanecimento da memória, como bem retrataram Sábato e Saramago em seus diários.

De modo geral, a sociedade contemporânea não tolera a imagem do desgaste e do envelhecimento. Neste ponto, a arte, sob diversas formas e perspectivas, assume um papel primordial para a discussão e reflexão deste tema para, talvez, conseguir mostrar ao homem a impossibilidade de se romper a reciprocidade desta aliança indestrutível entre a vida e a morte.

Dentre as obras analisadas, *As intermitências da morte* é a que traz uma reflexão mais próxima sobre o ato de morrer, na medida em que denuncia como seria caótico um futuro sem a morte, para depois revelar as faces mais sombrias de uma letalidade em larga escala – ocasionada pela volta da personagem Morte ao seu ofício, dada a sua constatação de que o homem sabe cada vez menos o que é ser humano.

Encerro as reflexões propostas nesta tese seguindo o exemplo de Sábato e Saramago, sempre atentos ao mundo que foi o deles. Neste momento, em que a humanidade tem enfrentado a maior pandemia¹⁴¹ de sua história, o pensar sobre a

¹⁴¹ O termo utilizado refere-se à atual difusão de doença epidêmica causada pelo vírus Covid-19. De acordo com as informações extraídas do site do Ministério da Saúde, “a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

morte se impõe dia a dia, seja na intimidade de cada indivíduo, confrontado com o medo do seu próprio fim e o temor de perder pessoas queridas, seja num âmbito coletivo, em que, como em *As Intermittências da Morte*, todo o sistema entra em colapso e a concepção mercantil impera, ordenando o menosprezo à vida e transformando o cadáver humano na mais banal e barata mercadoria, empilhada de qualquer jeito em valas coletivas.

Nesse momento histórico apocalíptico, as alegorias presentes em *As intermitências da morte* remetem à realidade vivida, a exemplo da crise funerária e hospitalar gerada pela pandemia. No romance, uma tensão semelhante é instaurada tanto pela ausência quanto pelo retorno da morte, que ocasionará uma matança em grande número e que pode ser relacionada às mortes de milhares de vítimas fatais, em decorrência do Covid-19, noticiadas diariamente nas mídias.

A literatura, enquanto meio de se conhecer profundamente a condição humana, torna-se uma importante aliada do eu diante do outro, num mundo em mal-estar. É uma via potente de auto e hetero-conhecimento, conforme observado no projeto estético e literário dos autores estudados, que representam o ser humano como um notável agente transformador. Isto pode ser observado no desfecho dos romances analisados: apesar do tom sombrio que perpassa a narrativa de *Sobre héroes y tumbas*, no final, Sábato insere uma nota otimista sobre o ser humano, representada pela figura da mulher que impede Martín de cometer suicídio. Em *As intermitências da morte*, a personagem da Morte se encanta pelo humano, na figura do violoncelista por quem se apaixona, para sugerir, também, que, se estamos destinados à morte, a arte nos salva, provisoriamente.

Escrever, para Sábato e Saramago, representou um meio de permanecerem vivos. Ainda que seus corpos perecessem, suas obras continuarão a ser lidas e discutidas. Por se tratar de dois intelectuais respeitáveis, seus textos, sejam eles ficcionais ou não, são um ambiente favorável aos temas que julgavam relevantes para a sociedade e para a formação humana.

Em seu diário, Saramago relatou que, certa vez, pensou em escrever um artigo relacionando os cegos do seu *Ensaio sobre a cegueira* aos cegos do *Informe sobre ciegos*, de Sábato. Esse dado assinala a existência de afinidades estéticas e literárias entre os autores e, mesmo que este desejo nunca tenha sido concretizado por Saramago, a permanência da escrita possibilitou (e ainda possibilita) que muitos estudiosos pudessem confrontar os cegos de ambos os textos.

Seja no teor metafísico das obras de Sábato, seja no tom revolucionário, em que o indivíduo é o principal agente transformador, das obras de Saramago, a visão humanista sobressai e propõe um ato da leitura em que o leitor atue ativamente, num processo sem fim.

A tese vai morrer, chegando ao fim. O aprendizado que a acompanha está no ato de encarar a morte de um outro modo, mais sereno e mais desconfiado também. Este trabalho, assim como tudo, tem que acabar para começar a existir de outra forma: num primeiro momento, existiu apenas para sua autora e para um círculo pequeno de pessoas; no momento em que se finda, passa a existir para os possíveis leitores. E que permaneça a intenção de Sábato e Saramago de fazer da literatura vida, lembrando-se de que as palavras faladas, leva-as o vento, mas as palavras escritas permanecem: *verba volant, scripta manent*.

Referências

Obras de Ernesto Sábato

- SÁBATO, Ernesto. *Abaddón, el exterminador*. Argentina: Seix Barral, 1991.
- _____. *Antes del fin*. 1ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- _____. *Apologías y rechazos*. Barcelona: Seix Barral, 1979.
- _____. *El caso Sábato*. Buenos Aires, s/ed., 1956.
- _____. *El escritor y sus fantasmas*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2011.
- _____. *El otro rostro del peronismo* (carta abierta a Mario Amadeo). Buenos Aires, s/ed., 1956, p.40-47.
- _____. *El túnel*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 2000.
- _____. *España en los diarios de mi vejez*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2004.
- _____. *Heterodoxia*. 1ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.
- _____. *Hombres y engranajes*. 1ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.
- _____. *La resistencia*. 1ª.ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.
- _____. *Nunca mais*. Porto Alegre: L&PM Editores, s.d.
- _____. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008.
- _____. *Sobre heróis e tumbas*. Coordenação: JOZEF, Bella; ZAGURY, Eliane; COSTA, Flávio Moreira da. Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1980.
- _____. *Uno y el universo*. 1ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.

Sobre a obra de Ernesto Sábato

ACERO, Gálvez Marina. *Sábato y la libertad: el destino psicológico y biológico a través del Informe sobre ciegos*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/25649-25668-1-PB.PDF>. Acesso em: 10 de fev. 2019.

ARGULLOL, Rafael. Palabras de Rafael Argullol. In: SÁBATO, Ernesto. *España en los diarios de mi vejez*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2004 (p.185-190).

BARONE, Orlando. *Diálogos entre Sábato - Borges*. Argentina: EMECÉ, 1996.

CALABRESE, Elisa T. *Sobre héroes y tumbas*: historia y gnosis. In: SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008. (p.757 - 792).

CONSTENLA, Julia. *Sábato, el hombre (una biografía)*. Argentina: Seix Barral, 1997.

FOFFANI, Enrique; CHIANI, Miriam. *La recepción de Sobre héroes y tumbas en el campo intelectual y literario argentino de los años sesenta*. In: SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008. (p.578 - 619).

GIMFERRER, Pere. Palabras de Pere Gimferrer. In: SÁBATO, Ernesto. *España en los diarios de mi vejez*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2004 (p.191-195).

LOJO, María Rosa. Introducción de la coordinadora. In: SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008. (p.15-19).

PALERMO, Zulma. *Informe sobre una sombra*: la nación fraticida (a propósito de la gesta de Laval segun Ernesto Sábato). In: SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008. (p.814 - 827).

POLAKOVIC, Esteban. *La clave para la obra de Ernesto Sábato*. Buenos Aires: Ediciones de la Universidad del Salvador, 1981.

ROMANO SUED, Susana; TRIGUEROS, Valentina. Topologías de lo incasificable en *Sobre héroes y tumbas*. Una aproximación desde el discurso psicoanalítico", In: SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008. (p.698 – 741).

RUBIO, Fanny. Palabras de Fanny Rubio. In: SÁBATO, Ernesto. *España en los diarios de mi vejez*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2004 (p.202-206).

URBINA, Nicasio. Narradores y estructura en *Sobre héroes y tumbas*. In: SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Edição crítica. Córdoba: Alción Editora, 1ª. ed. Colección Archivos, Poitiers, CRLA, 2008. (p.906-923).

VASCO, Paola Cristina R. *Saramago e Sábato*: videntes num universo de cegos – a metafísica da (des) esperança em Ensaio sobre a cegueira e *Sobre héroes y tumbas*. 2001. 275f. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.

- SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. Portugal: Editora Futura, 1973.
- _____. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *A noite*. Lisboa: Editorial Caminho, 1979.
- _____. *As opiniões que o DL teve*. Portugal: Seara Nova, 1974.
- _____. *A viagem do elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Caim*. Portugal: Editorial Caminho, 2009.
- _____. *Deste mundo e do outro*. Lisboa: Caminho, 1986.
- _____. *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Ensaio sobre a cegueira*. Portugal: Caminho, 1995.
- _____. *Ensaio sobre a lucidez*. Portugal: Caminho, 2004.
- _____. La religión se alimenta de la muerte. In: *El país*, Lisboa, 2005. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/11/12/cultura/1131750001_850215.html>. Acesso: 03 abr. 2018.
- _____. *Levantado do chão*. Portugal: Caminho, 1980.
- _____. *Manual de pintura e caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 2012.
- _____. *O ano de 1993*. Portugal: Editora Futura, 1975.
- _____. *Objecto quase*. Lisboa: Caminho, 1986.
- _____. *O caderno*. São Paulo: Companhia das letras: 2009. m
- _____. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Os apontamentos*. Portugal: Seara Nova, 1976.
- _____. *Os poemas possíveis*. Portugal: Portugália Editora, 1966.

- _____. *Poética dos cinco sentidos – o ouvido*. Portugal: Bertrand Editora, 1979.
- _____. *Provavelmente alegria*. Lisboa: Caminho, 1987.
- _____. *Que farei com este livro?* Portugal: Editorial Caminho, 1980.
- _____. *Terra do pecado*. Portugal: Editorial Minerva, 1947.
- _____. *Último caderno de Lanzarote: o diário do ano do Nobel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Sobre a obra de José Saramago

AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. Seleção e organização de Fernando Gómez Aguilera. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARNAUT, Ana Paula. Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula (*As Intermittências da morte, A viagem do elefante, Caim*). In: *IPOTESI*, Juiz de Fora, v.15, n.1, p.25-37, jan./jun.2011.

COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.

FERNANDES, Fernanda Buzzon. *O autor segundo ele mesmo: a escrita de si em Cadernos de Lanzarote, de José Saramago*. 2015. 137f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis: [s.n], 2015.

MARCON, Adriana. *Retratos da arte e do artista: projeto autobiográfico de José Saramago*. 2014. 151f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis: [s.n], 2014

MATIAS, Felipe dos Santos. Memorial do convento e o discurso humanista saramaguiano em oposição ao conservadorismo político e religioso. In: *Revista IPOTESI*, Juiz de Fora, v.19, n.2, p.166-177, jul./dez. 2015.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1999.

SEMINARA, Graziella. Posfácio – gênese de um libreto. In: SARAMAGO, José. *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOARES, Maria Antonia. *José Saramago: Leitor de Pessoa, Autor de Ricardo Reis*. 2004. 186f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis: [s.n], 2004.

REIS, Carlos (1996): José Saramago; Contador dos dias. In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias, Lisboa*, ano XVI, 20 de junho a 03 de julho, 1996.

RÍO, Pilar del. O limbo e os discos rígidos do tempo. In: SARAMAGO, José. *Último Caderno de Lanzarote: o diário do ano do Nobel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Teórica e geral

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta, 2014.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BASTOS, Manuel et al. *Argentina: compreender o peronismo*. Coimbra: Centelha, 1973.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Coord. Carlos Sussekind; Trad. Vera da Costa Silva e [et al]. 32º. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

ELIAS, Nibert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer*. Tradução: DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GORER, Geoffrey. *The pornography of death*. Disponível em: <<https://www.romolocapuano.com/wp-content/uploads/2013/08/Gorer.pdf>>. Acesso: 30 jun. 2018.

GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso*. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Organização: NORONHA, Maria Gerheim. Trad. Maria Gerheim Noronha; GUEDES, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. *On diary*. Manoa: University of Hawaii Press, 2009.

MUSITANO, Adriana. *Poéticas de lo cadavérico: teatro, plástica y videoarte de fines del siglo XX*. 1ª. ed. Córdoba: Comunic-Arte, 2011.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 2000.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7ª.ed. Coimbra: Almedina, 2011.

ROCHA, Clara. *As máscaras de Narciso*: estudo sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 75-97.